

# DISCURSO DO DEPUTADO FEDERAL OSWALDO COELHO NA SESSÃO SOLENE DA ENTREGA DA MEDALHA NILO COELHO

## Saudação à mesa e às principais autoridades presentes.

Minhas primeiras palavras são de agradecimento aos agraciados, neste ano de 2003, com a Medalha do Mérito Nilo Coelho, por ter sido escolhido para a honrosa missão de falar por todos eles nesta solenidade, em que se comemora mais um ano de criação do Tribunal de Contas do Estado de Pernambuco. Ao ler a lista dos indicados e revendo-os aqui, não posso deixar de mencionar que sou testemunha de que todos têm realmente relevantes serviços prestados ao Estado e, portanto, são merecedores da mais alta comenda do Tribunal de Contas. Os agraciados, advogado Mário Neves Batista Filho, advogado José Deodato Santiago de Alencar Barros, Auditor de Contas Milton Coelho da Silva Neto, médica Josefa Renê Santos Patriota, ex-prefeito José do Rego Maciel e o professor Sílvio Neves Baptista, e os Conselheiros estão de parabéns por tão belas escolhas.

É com imensa satisfação que aqui venho me associar às festividades comemorativas dos 35 anos de criação deste Tribunal. Assim, em meu nome e dos agraciados, quero prestar a minha homenagem a esta admirável instituição de tão nobre atribuição de “controladora da gestão pública”.

Quero, também, agradecer nesta oportunidade o magnânimo gesto desta casa e, em especial, do Conselheiro Roldão dos Santos, concedendo-me uma condecoração que tem especial significado para mim, quer pela origem, quer pelo fato de trazer o nome do meu saudoso irmão.

Sou testemunha da criação do nosso Tribunal de Contas.

Secretário da Fazenda do Governo Nilo Coelho, acompanhei seus passos para objetivar o intento que ele desejava.

Nilo tinha pressa. Não podia acreditar que Pernambuco já não possuísse seu Tribunal de Contas.

Um órgão constitucional, autônomo, precioso no trabalho relevante de oferecer ao Poder Legislativo

mais segurança no acompanhamento e julgamento da aplicação do dinheiro público, por parte do Executivo, Judiciário, Legislativo e de todos que são responsáveis pela aplicação das finanças do Estado.

Todos nos lembramos de que Nilo não deixava para o dia seguinte o que poderia ser resolvido hoje. Houve dificuldades para a criação do Tribunal. Fortaleceu a vontade determinada de ver seu Estado com seu Tribunal de Contas, um aperfeiçoamento na fiscalização da aplicação do dinheiro público.

Tendo tomado posse em janeiro de 1967, já em dezembro, via aprovado pela Assembléia Legislativa o Projeto de Lei que enviava àquela Casa de representantes do povo.

Vencida a primeira etapa, só em 15 de outubro de 1968, há trinta e cinco anos, portanto, foi instalado, oficialmente, o Tribunal de Contas. Abrigado em sede provisória, começou seu trabalho específico, sempre com o zelo que o trato da coisa pública merecia.

Nilo nomeou os primeiros componentes do corpo do Tribunal, chamados até então ministros e, posteriormente, conselheiros. Foram eles: Jarbas Maranhão, Orlando Moraes, Luiz Guedes Pereira, Sebastião Oliveira Neto e Fábio Correia. Cidadãos renomados, austeros, da melhor estirpe e representatividade, começaram eles, com entusiasmo, o trabalho a que foram chamados.

Notáveis funcionários da Secretaria da Fazenda e outros Órgãos Públicos foram designados para integrar o corpo do Tribunal. E se houveram com muita eficiência.

O orçamento público é fundamental para a democratização do Estado. É o mais importante instrumento de administração pública. É ele que reflete o discurso e a realidade, porque define em números aquilo que no discurso se chama prioridade governamental. É pura demagogia conceder prioridade à irrigação no semi-árido nordestino e não gastar em irrigação. São palavras soltas ao ar declarar que o desenvolvimento econômico depende do conhecimento e da sabedoria e não investir em educação.

O orçamento é que consubstancia as políticas públicas. O exame do orçamento é que revela os erros e os acertos dos governantes.

Os números não mentem. Se a distribuição dos recursos não for equânime, a sociedade fica sabendo e os gestores serão cobrados e julgados.

No aperfeiçoamento democrático, a peça orçamentária se completa com o julgamento das contas, da boa aplicação dos recursos. A história é que nos ensinava isto.

Na antigüidade houve época em que o rei era o Estado. Luiz XIV costumava dizer: "O Estado sou eu". Não havia distinção entre as finanças particulares do rei e do Estado. A evolução do orçamento se confundia com a evolução da humanidade.

A história costuma fixar os primórdios do orçamento, no ano de 1215, quando o parlamento inglês impôs ao príncipe João - Sem Terra a tão afamada Magna Carta, considerada a primeira constituição do mundo moderno. A Revolução Americana teve como estopim o fato de os deputados norte-americanos, no Parlamento do Reino Unido, não terem aprovado a criação de taxas incidentes nos Estados Unidos. Estabeleceu-se, desde então, o princípio de que somente os representantes do povo tinham autoridade de criar impostos.

No Brasil, em 1890, por iniciativa do então Ministro da Fazenda, Rui Barbosa, foi criado o Tribunal de Contas da União, norteado pelos princípios da economia, fiscalização, julgamento e vigilância.

A instalação do Tribunal ocorreu em 1893, graças ao Ministro da Fazenda Serzedello Corrêa, que se demitiu do cargo, por não aceitar intromissão do Presidente da República no julgamento das despesas públicas.

Verdadeiro estatuto de finanças públicas, a Lei de Responsabilidade Fiscal estabelece o acesso, por todo e qualquer cidadão, ao controle da gestão dos recursos públicos. O Brasil desfruta, portanto, legislação avançada e instituições de controle do mais alto nível no mundo.

Aos Tribunais de Contas cumpre papel, também, igualmente fundamental de fiscalizar se essa vontade popular vem sendo efetivamente respeitada pelos aplicadores dos dinheiros públicos. O Tribunal de Contas cumpre função política de fazer prevalecer a vontade popular expressa no orçamento público.

O Tribunal de Contas do Estado está estruturado para o cumprimento de sua missão. Dispõe de conse-

lheiros à altura das responsabilidades e corpo técnico qualificado e treinado.

Senhores, "Nenhuma palavra de elogio corresponde à grandeza de sua vida", frase que consta na tumba de um pensador universal, que eu faço uso dela para homenagear o grande patrono deste momento, o meu irmão Nilo. Para mim, nenhum elogio corresponde à grandeza de sua vida.

Desejo repassar para vocês aspectos do cotidiano vivido por Nilo Coelho, informações que talvez vocês ainda não conheçam.

Sua vida teve origem na área rural das caatingas petrolinenses. Seus avós por lá viveram como modestos criadores e tanjedores de cabras e praticavam a agricultura de subsistência, que quase sempre era devorada pela seca.

Os seus pais vieram de famílias numerosas.

A seca morava naquelas paragens sem qualquer intervenção oficial que a suavizasse.

Petrolina era o ponto de encontro de grande parte dos nordestinos em fuga para as terras do sul.

Cambaleantes e excluídos de tudo, prosseguiram os chefes de família e os filhos homens (os braços fortes) com a esperança em São Paulo ou no norte do Paraná. Deixaram para trás as mulheres, os filhos menores, as filhas moças, muitas delas noivas que nunca casaram, todos entregues à caridade pública. Eram famílias que se destruíram.

Na grande seca de 1932, Nilo presenciou a solidariedade dos seus pais, na sua casa, distribuindo alimentação diária aos retirantes, que com acolhimento afetoso eram recebidos pelas irmãs Dulcinéa, Diva e Darcy, sob o olhar vigilante de sua mãe Dona Josepha, conhecida por Dona Zefinha do Sr. Quelê.

Este foi o cenário que Nilo presenciou e partilhou, permitindo-lhe uma reflexão interior que possibilitou a projeção do seu desejo de mudança, estimulado por questionamentos de transformações da vida do homem da caatinga para uma mudança na qualidade de vida dos sertanejos.

A semente foi plantada na infância e na adolescência, germinou na juventude e frutificou na vida adulta desse homem público e sensível.

Estudou em Salvador. Destacou-se como aluno aplicado. Ingressou na Faculdade de Medicina, ocasião em que aprimorou o relacionamento com colegas e professores. O seu bom desempenho enchia de orgulho os seus pais, que eram informados sobre o seu procedimento.

Em Salvador, o irmão José era a sua parilha. Muita integração. Depois, na política, a sustentação sábia e constante de todas as suas eleições.

Ao concluir o curso de medicina, em 1944, seguiu de imediato para São Paulo e especializou-se em cirurgia torácica. O seu orientador no Hospital Santa Catarina foi o professor pernambucano Eurico Bastos.

O seu irmão mais velho, Gercino, também enveredou pela política, sendo deputado estadual pela Bahia. Destacado parlamentar na Assembléia Legislativa, onde se revelou grande tribuno e ativo na defesa das suas idéias, aos 37 anos, foi vítima de acidente, quando então faleceu.

O irmão mais moço, Augusto, assim como Nilo, formou-se em Medicina, foi eleito prefeito de Petrolina e hoje muito devotado à causa humanitária.

Nilo conduziu também os irmãos Geraldo e Paulo que estudaram na Universidade Makenzie e seguiram de navio, cujo nome era São Francisco. Adalberto e eu fomos para ser internos no Colégio São Bento.

A viagem fluvial de 11 dias, de Petrolina até Pirapora, foi uma odisséia. Na parte superior do navio a primeira classe e os seus camarotes. No piso inferior redes armadas e esteiras eram os dormitórios das famílias que fugiam da seca com o mesmo destino dos viajantes da primeira classe: São Paulo.

O navio tinha como combustível a lenha. Diariamente, aportava para se abastecer. A cada parada uma criança morta era sepultada. O recém-formado Nilo, a cada instante, era solicitado para medicar os retirantes. Nada podia fazer, pois a causa-mortis era a fome crônica. Era o que constava dos atestados de óbito que assinava.

De nada valeram os medicamentos que comprava nas cidades ribeirinhas para tentar salvar vidas de semimortos.

Por ocasião do serviço militar, conheceu o cabo Lima (de Araripina), pessoa que lhe dispensou muita atenção na fase de adaptação às fileiras da tropa. Este gesto de carinho e proteção do Cabo Lima foi mais tarde lembrado por Nilo, quando Governador, através da nomeação do seu filho, o saudoso Eudes, como oficial de gabinete. Com o término da guerra foi dispensado da tropa com o dever de concluir o serviço militar ao final da sua formatura. O dever foi cumprido na Aeronáutica, em Corumbá-MS, em 1945, para tornar-se oficial da reserva.

Nilo Coelho percebeu que o vento da prosperidade do litoral de Pernambuco não havia chegado ao

sertão, nem tampouco à modernidade e às mazelas.

Nosso vento soprou da “Casa da Torre” de Garcia D’Avila. Veio do litoral baiano, através da atividade pastoril, que se processava mais lenta, porém mais democrática. Havia mais harmonia entre as partes interessadas. Constituiu-se o sistema de “quartiação”, onde o senhor proprietário distribuía matrizes para reprodução, que era dividida: um quarto do resultado ficava para o vaqueiro e o restante para o senhorio. Este sistema foi difundido rapidamente. Para seu controle e acompanhamento, semanalmente, às 2<sup>as</sup> feiras, no almoço, todos se reuniam ao redor da grande mesa e com isto havia maior aproximação entre as pessoas, diminuindo as distâncias hierárquicas em coordenação feita de forma responsável e participativa. Nilo muitas vezes sentou-se à mesa do seu pai com os vaqueiros.

Contaria, a propósito, um caso histórico de um cientista, biólogo inglês, que fora recomendado pelo Imperador D. Pedro II ao Governador do Piauí, Visconde de Parnaíba. Ao final do relatório da sua missão, esse cientista inglês expressou o fato que mais o impressionou: os vaqueiros sentados, com o Governador, ao redor da mesa, todos com suas indumentárias típicas (couro, chapéu, bota, gibão e espora), conversando sobre as fazendas de gado no exercício da participação democrática da partilha da palavra dentro de uma postura de igualdade por ocasião das discussões.

Nilo foi eleito deputado estadual em 1946, tendo o seu pai arquitetado a eleição. Seu cunhado, José Fernandes Coelho, operou com êxito as articulações. Destacaram-se os apoios fundamentais do Coronel Florêncio de Barros Filho, o Barrinho de Santa Maria da Boa Vista, o líder Fernando Bezerra de Ouricuri e o Coronel Manoel Ramos de Barros, Né Ramos de Araripina.

Nilo casou-se com Maria Tereza, sua grande companheira, mulher de extraordinária capacidade de adaptação ao novo e ao diferente. Nascida em uma usina de açúcar, abraçou com dedicação total a realidade sertaneja, com suas dificuldades, costumes, fé e fidelidade que caracterizam o povo do sertão. Eram duas realidades diferentes que se uniam: o “plantation” da zona da mata e o sertão; a usina Santa Inácio e a roça de Santa Fé, berço dos antepassados de Nilo, mas que tiveram um sonho comum, um único caminho a percorrer, uma cumplicidade na busca de meios para fortalecer o homem da caatinga.

Nilo gostava de festa. Quando da conclusão da cumeieira da casa da Beira-Rio que construiu, comemorou com numerosos amigos do Recife. Dentre eles os pedreiros e serventes, moradores da favela do Coque. À meia-noite, Nilo foi chamado por uma comissão de moradores desse bairro, que se oferecia para comparecer às festividades com os seus familiares, foram logo fazendo uma ressalva: “se não fossem aceitos, que não chamassem a rádio patrulha”. Foram aceitos. O salão ficou superlotado. Foi uma integração completa de todos os segmentos sociais. Havia muita fartura de comida e bebida. Música pra valer. A festa terminou com o sol, ao raiar do dia.

Este foi o Nilo do cotidiano que muitos de vocês ainda não conheciam e que agora fará parte do Nilo político, homem público que vocês já conhecem.

A terra para Nilo era preciosa e lendo a carta do Cacique Seattle ao Presidente dos Estados Unidos da América, à época da conquista do oeste americano, encontrei os seguintes textos, em resposta a uma proposta de compra de terra dos índios:

“...as cinzas de nossos antepassados continuarão sagradas para nós e santificado o chão do seus túmulos.”

“Existe uma ligação profunda em tudo. Todas as coisas estão ligadas como o sangue que une uma família. Portanto, o que vier a acontecer com a terra recairá sobre os filhos da terra. Não foi o homem que fez o tecido da vida. Ele é simplesmente um de seus fios. O que quer que faça ao tecido, estará fazendo ao todo e a si mesmo. A terra é preciosa para o grande Espírito e ofendê-la é desprezar seu criador.”

Diz o folclore regional que pouco antes de falecer o senador Nilo fazia uma viagem a Petrolina. O Projeto de Irrigação Massangano, que hoje tem o seu nome, ainda estava em fase de teste. Ao comandante do avião, ele mostrava lá embaixo pomares de manga, uvas e tantas outras frutas. O comandante, que só via a ari-

dez, o deserto, teria dito: “– senador, o senhor está delirando!”

O fio da esperança nunca faltou a Nilo. A esperança de mudar, ávido para melhorar. Era um otimista. Não conhecia canseiras. Espírito público inigualável.

Castro Alves nos relata que as mucamas africanas ao acalantar crianças para dormir contavam estórias da África. Elas diziam que lá os grandes homens quando morriam não desapareciam. iam morar nas estrelas e continuavam a guiar os seus povos.

Para os sertões, Nilo continua nas estrelas dando força ao seu povo para vencer as adversidades. Laços muito fortes de fraternidade me ligavam a Nilo. Tínhamos muita identidade. Convivíamos intensamente. Conversávamos sempre. A prosperidade do povo da região era o nosso tema. Era o que sonhávamos juntos.

Ele era altivo. Tinha coragem cívica e pessoal. Também era generoso. Assim foi comigo ao ofertar um livro sobre o Rio São Francisco à Anamaria, minha mulher. Assim se expressou: “Anamaria, a sua vocação é mulher de remeiro. Herói que desconhece o seu próprio heroísmo. Um fraternal abraço, muito amigo, de Nilo.”

Senhores, o grande estadista Simon Bolívar, ao receber o título de “O Libertador”, disse: “de todos os títulos, de todas as honrarias que tenho recebido, esta é a que mais me orgulha e me envaidece”.

Da mesma forma, digo-lhes: de todas as medalhas que tenho recebido esta é a que mais cala a minha sensibilidade. Vou guardá-la no meu coração para recordá-lo, para acalantar a minha saudade e agradecer a Deus por com ele ter convivido.

Senhores, uma das coisas que mais sinto na vida é de Nilo não ter vivido o suficiente para ver os campos de uva, manga, as cantinas de vinho, enfim, ver o fruto do seu trabalho, ao longo de sua vida pública. Mas, Nilo fez a sementeira e as novas gerações já colhem dos campos da irrigação. Ele se foi e os campos ficaram verdes.

Muito obrigado!